A LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CARVALHO, Caroline – UNIVALI
caroline.carvalho@univali.br

NEITZEL, Adair de Aguiar - UNIVALI
neitzel@univali.br

Área Temática: Formação de Professores
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida na rede municipal de Barra Velha, SC., com 55 professores dos anos iniciais do ensino fundamental e 50 professores da educação infantil. O objetivo foi mapear as concepções dos professores acerca da literatura e as práticas de sala de aula decorrentes dessa concepção. Verificou-se que os professores compreendem a literatura como um recurso pedagógico que deve ser empregado para ensinar, estando suas funções atreladas ao desenvolvimento do imaginário, não possuindo nenhum critério de seleção para as obras literárias, o que os colocava em contato direto com obras de cunho estritamente pedagógico. A partir deste mapeamento, estruturamos um curso de Formação Continuada aos docentes cuja carga horária foi de 20 horas para cada grupo para que pudéssemos discutir a concepção de literatura como objeto estético. Nestes encontros o grupo tomou contato com a literatura empregada de forma fruitiva, aonde puderam observar que tanto a qualidade da literatura utilizada, as maneiras de vivenciar a literatura e a ampliação do repertório por meio do contato com diversas literaturas. No último encontro, os docentes, após dois meses, trouxeram registros de experiências inovadoras desenvolvidas junto às crianças que tinha como pressuposto básico a literatura como fenômeno estético, neste encontro ainda vivenciaram, na formação, uma prática de contação de histórias, aonde foi possível verificar o interesse e envolvimento do grupo frente a concepção desde então aplicada. Este artigo apresenta análises efetuadas a partir dessas experiências inovadoras com o intuito de discutir a concepção de literatura fruitiva, o papel da literatura na educação básica, suas funções e as implicações dessa concepção na prática pedagógica.

Palavras-chave: Literatura; Estética; Formação de professores.

Introdução

Ao fazer uma análise de como a literatura vem sendo definida e trabalhada ao longo dos séculos, encontramos vários movimentos a partir do século XVIII que tiveram como tônica a concepção de literatura como fenômeno estético. Poetas, contistas e romancistas, tais como Fernando Pessoa, Alan Poe, Mallarmé, Júlio Cortazar, Ítalo Calvino, Guimarães Rosa, Borges, Pound, Oswaldo e Mário de Andrade, entre muitos outros, fundaram uma linhagem que acreditava na literatura como fenômeno estético, lutando para livrá-la do didatismo, isto

é, colocando-a num patamar de arte que necessita ser, sobretudo, apreciada. Apesar de todo esse esforço, a literatura na instituição escolar, ainda no século XXI, é vista como "colônia da pedagogia", o que implica ser tratada tão apenas como fenômeno de linguagem. Esta concepção se enraizou na formação de professores, que acreditam que a literatura é uma ferramenta pedagógica para ensinar diversos conteúdos curriculares, não a compreendendo com objeto estético. Essa visão da literatura vem acarretando alguns prejuízos à educação, pois sendo o livro usado prioritariamente como estratégia de ensino, ou seja, para ensinar componentes curriculares, ou ainda para reforçar valores, como é o caso das fábulas, ele deixa de ser um elemento de prazer e de fruição para a criança e passa a ser visto como um objeto de doutrinamento. Como conseqüência, a criança se afasta do livro.

A concepção de literatura fruitiva está atrelada à concepção de literatura como objeto estético, pois a fruição, tal qual nos fala Barthes (2001), exige do leitor uma entrega, uma imersão no texto não para encontrar sua verdade, seu desfeixe, mas sobretudo para efetuar seu alargamento, expandir suas significações. Barthes (2001, p. 22) nos diz que texto de fruição é "aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

A fruição normalmente é confundida com prazer. Rubem Alves (1999) nos fala do livro como uma fonte de alegria afirmando que ler sem gostar é prova de doidice, e que o prazer da leitura é seu próprio fim. No entanto, a fruição pode representar um descontentamento do leitor frente ao texto. *Se um viajante numa noite de inverno* de Ítalo Calvino é um bom exemplo de uma literatura fruitiva que leva o leitor a ter vertigem, estranhamento frente a obra. Para Barthes, a fruição está relacionada ao estado de busca que se coloca o leitor frente ao texto.

Eco (2003) cita várias funções atribuídas à literatura, mas uma em particular nos interessa, Gratia Sui, isto é, a literatura existe para deleite, fruição ou mesmo por amor de si mesmo. Essa função não trata a literatura de forma alienante, antes reconhece que por meio do deleite o leitor poderá ampliar seus próprios conhecimentos, além de possibilitar ao leitor a construção de sua personalidade e de sua pessoa frente ao mundo. Quando defendemos que a literatura deve ser apreciada e não empregada como recurso pedagógico, não negamos sua função diretamente ligada à formação humanística. Evidentemente que a literatura possibilita a construção de valores, da ética, moral, respeito, entre outros, permitindo leituras diferentes

de mundo, ou mesmo fornecendo modelos de vida e comportamento. No entanto, a intencionalidade do professor – a exploração didática-pedagógica do texto literário ou sua leitura gratia sui – será determinante para o êxito de programas de formação de leitores. Segundo Eco, "função educativa não se reduz à transmissão de idéias morais, boas ou más que sejam, ou à transformação do sentido do belo" (ECO, 2002, p. 19). Eco não reduz a literatura a uma construção de valores dicotômicos, bom e mal, mas ressalta que a função deste bem imaterial reside nas possibilidades que a literatura traz em si, seja pela sua importância no indivíduo ou mesmo na sociedade.

Para que o leitor possa adentrar os interstícios da obra, ele precisa se manter receptivo a ela, cabendo ao professor descobrir alternativas que aproximem a criança do livro. No entanto, as pesquisas que vimos desenvolvendo têm demonstrado que por compreender a literatura como um poderoso recurso para ensinar, o professor vem usando-a indiscriminadamente não como objeto para ser apreciado, mas para incutir valores nas crianças e/ou facilitar a aprendizagem de conceitos curriculares.

Essa concepção é conseqüência também de sua história como leitor. Que livros de literatura o professor teve acesso durante sua formação? Qual seu repertório? Na grande maioria, os contos clássicos, as fábulas e as poesias próprias para efemérides, uma escolha que influenciou diretamente sua relação com o texto literário. Partimos, então, do pressuposto que para promover a literatura fruitiva nas escolas, o professor necessita conhecer um acervo que prime pela literatura como movimento estético. A apreciação do texto como objeto estético sensibilizará o professor e poderá desencadear um movimento que o leve a perceber que "a arte, ao ser captada como totalidade, refere-se e capta, por sua vez, a totalidade do homem: o sensível, o cognitivo e o ético." (PEIXOTO, 2003, p. 49). O processo de formação continuada com os sujeitos desta pesquisa teve então o objetivo de ampliar o âmbito da reflexão docente acerca do uso da literatura e criar um espaço de sensibilização para (re) humanizar seus sentidos por meio de vivências literárias. Na seqüência, as perguntas que irão nortear nossa exposição são: como o professor-leitor do século XXI se coloca frente ao texto literário? Qual seu papel? Quais suas características? Essas perguntas são importantes porque influenciam diretamente na prática pedagógica do docente, pois "quanto mais condições de acesso ao mundo da cultura – arte, filosofia e ciência – tanto mais genuinamente humano o homem se faz", como afirma Peixoto (2003, p. 46).

A literatura pede passagem

> Que me deixem passar – eis o que peço
> Diante da porta ou diante do caminho.
> E que ninguém me siga na passagem.
> Não tenho companheiros de viagem
> Nem quero que ninguém fique ao meu lado.
> Para passar, exijo estar sozinho,
> Somente de mim mesmo acompanhado.
> Mas caso me proíbam de passar
> Por ser eu diferente ou indesejado
> Mesmo assim eu passarei
> inventarei a porta e o caminho
> E passarei sozinho.

Escolhemos os versos de Ledo Ivo porque ele anuncia o foco de nossa interlocução: a travessia que o professor-leitor vem operando no campo literário ao longo dos anos. É importante termos em mente que o lexema literatura tal qual o conhecemos hoje é bastante recente e ele vem agregando vários conceitos compondo-se, portanto, como um termo bastante polissêmico. O registro escrito surgiu nas línguas européias na segunda metade do século XV, nas línguas francesa, italiana, castelhana e inglesa e sua definição estava atrelada ao saber e à ciência em geral, isto é, era denominado como literatura todo e qualquer texto, de qualquer área (AGUIAR E SILVA, 1991). Essa falta de especificidade ao termo literatura, isto é, ausência de elementos de literariedade, o tornou um campo muito aberto que acolhe qualquer produção, o que atribui a ele um estatuto de subalternidade, ancorado pela premissa: se tudo é literatura, nada é literatura. Lembramos que até o século XVIII não havia separação entre prosa e poesia, o que contribuía ainda mais para que o termo fosse empregado de forma indiscriminada. Esse impasse acerca do lexema demonstra uma fragilidade: a ausência de um público leitor.

Após o século XVIII, houve o alargamento do público leitor como conseqüência de algumas alterações ocorridas na sociedade como o acesso da classe burguesa à cultura. Neste contexto, a mulher passou a ser leitora e sua posição influenciou inclusive a concepção do termo. Se no passado o livro foi um objeto de pouca circulação, um aparato cultural que a poucos era permitido o acesso, hoje ele é reproduzido e disponibilizado em larga escala, podendo circular de mão em mão A leitura de obras literárias começou a ser vista como um passatempo e a literatura passou a ser percebida como arte e como tal apresenta determinados valores estéticos.

No século XXI o leitor necessita assumir uma postura de abandono das verdades estabelecidas inserindo-se num movimento salutar de descrença e de procura para entrar na porosidade da obra, assumindo uma postura multivalente e de co-autoria. Se observarmos atentamente, perceberemos que no séc. XXI, temos uma maior produção literária, causada principalmente pelo advento da imprensa e conseqüentemente do alargamento do público leitor. No séc. XXI, esse conceito de literatura como fenômeno estético vem se firmando e como conseqüência ela quer provocar no leitor um processo de fruição. A literatura vem ganhando espaço no campo das artes passando a ser lembrada por muitos autores, como Eco (2003) e Culler (2003), não mais como simplesmente texto escrito, mas como objeto estético.

Se analisarmos várias produções literárias ao longo dos anos, perceberemos que, desde o início do século XX, existe um contingente de obras que se servem de experimentalismos estéticos e literários que se diferenciam das produções de sua época, como é o caso de Dom Quixote de Miguel de Cervantes e O Jogo da Amarelinha de Julio Cortázar, que querem provocar no leitor um descontentamento frente a folha plana. Vemos nascer uma literatura ligada a seu tempo, uma literatura que se aproxima a esta nova sociedade, uma sociedade que está para mudanças como está para descobertas, que exige do leitor um papel diferente daquele exigido, por exemplo, no século XIX, uma literatura que vem sendo denominada de hipertextual (NEITZEL, SANTOS, 2005). Esta literatura Wandelli classifica como uma narrativa

> [...] aberta a uma multiplicidade de vozes e a combinações ilimitadas de percursos. Esse leitor seria também um autor, e esse romance-enciclopédico ironicamente mágico, chamado O Dicionário Kazar, do iugoslavo Milorad Pávitch, seria um romance de escolhas. O desejo de recompor o corpo do livro impulsiona o abandono da leitura linear – princípio-meio-fim -, na qual tudo está teleologicamente determinado para um desfecho, em troca de uma lógica associativista, aberta a uma multiplicidade de percursos e sentidos. No romance hipertextual, o prazer de atingir o clímax é preterido em favor da navegação e não termina na última linha. (WANDELLI, 2003, p. 21).

Barthes (1992) denomina esse tipo de obra aberta às interferências do leitor de escrevível e Kristeva (1974) a denomina como texto produtivo e o leitor é visto por ambos como produtor de significações. Ao anunciar a obra como produtividade, Kristeva a define como algo que está por ser feita, algo que se concretiza pela permutação com outros textos, reforçando a idéia da construção em rede, um texto que permite a associação de vários

conceitos porque é composto em redes que são múltiplas e se entrelaçam, o que não permite uma visão única do objeto, pois nunca uma leitura domina sobre outra.

Esta visão do leitor reclama uma concepção de obra como um material argiloso, que vai se compondo pelo leitor, uma visão atomizada da literatura, vista enquanto processo que se constrói mediante as intervenções do leitor. Que texto é assim constituído? Todo texto é aberto e poroso e permite infinitas interpretações, organizado de forma não definida e não acabada, constituindo um espaço de trocas entre leitor e autor?

Algumas obras nos permitem mais entradas que outras, algumas permitem mais derivas interpretativas que outras porque são um projeto organizado para estimular o mundo do leitor a emergir. E chegamos, enfim, ao objetivo de nossa exposição, às características do leitor do século XXI. Se a obra aberta tende para a multiplicidade de significações, não se contentando com uma leitura organizada numa ordem em que tudo encontra seu lugar, mas ansiando por um escrito que seja sempre uma passagem, o lugar da diversidade e da contradição, o leitor necessita portar-se frente à obra de forma que um sentido único não se imponha.

A produção literária da segunda metade do século XX e do século XXI, especificamente a literatura hipertextual (impressa ou em meio eletrônico), requer do leitor um contínuo montar de fragmentos, linkagem de dados, conexão de textos, um pular de linhas e folhas em que o leitor escolhe os rumos possíveis ou desejáveis nessa rede de relações expansivamente aberta, evocando uma construção própria, o que desmantela com a idéia do livro como “coisa sólida, que está ali, bem definida, que se pode desfrutar sem riscos, à experiência vivida, sempre fugaz, descontínua, controversa”. (CALVINO, 1982).

O romance moderno é concebido segundo jogos de linguagem que rompem com o ritmo outrora oferecido ao leitor, estabelecendo uma narratividade desconstruída, e o leitor necessita juntar cada elemento disperso pelo autor, para compor um quadro significativo para si, efetuando uma leitura-montagem. Nesse sentido, o texto se constrói versatilmente também pelas mãos do leitor, e a leitura sempre é uma passagem, travessia que exige do leitor uma postura irreverente, impertinente, pois se torna necessário que ele penetre na tessitura do texto, buscando nas dobras de suas páginas, respiradouros que abram passagens de um mundo a outro.

Durante a formação continuada aos docentes da rede, percebemos que a ausência de repertório literário dos professores não os permitia sequer perceber que a literatura

contemporânea sofreu alterações, e que o romance hoje não prima mais pela linearidade, pela seqüência dos fatos. Lançamos, então, mão de alguns exemplos de obras hipertextuais que apresentam uma estrutura fragmentada, sem centralidade, em rede, que exige do leitor que penetre na tessitura do texto e conecte seus dados para a construção de sentidos. Quando nos colocamos frente a uma literatura hipertextual, e aqui tomamos como exemplo “O Dicionário Kazar” de Milorad Pávitch, muitas são as questões que nos cercam durante este caminho. Estamos acostumados com uma leitura linear, a mesma que sempre tivemos contato, no entanto, ao nos depararmos com uma literatura como O Dicionário Kazar, percebemos as muitas possibilidades de percursos que um texto pode nos possibilitar.

Ao escrever uma narrativa hipertextual o autor propõe ao leitor que ao tomar o livro em suas mãos, investigue as múltiplas possibilidades ali guardadas, intencionalmente escritas para serem reescritas pelo leitor que se encorajar a lê-la. Hipertextos literários são compostos de redes e nós, eles se constituem pela reversibilidade, oferecem ao leitor uma maior possibilidade de interação e por fim, o hipertexto se constitui por uma seqüência de engastes. Esta literatura hipertextual tem como características:

a) Fragmentaridade;

b) Interatividade;

c) Movimento;

d) Interconectividade;

e) Heterogeneidade;

f) Descentramento.

Este caminho composto de muitos outros caminhos só pode ser feito no momento exato em que o leitor devora o livro que está em suas mãos. São caminhos singulares, que não se repetem, o trajeto não pode ser refeito, mas um novo e diferente caminho pode ser traçado a cada página, a cada releitura. Mas por que o autor se enveredaria por uma empreitada como esta? Qual é o perfil do leitor que se entrega a uma leitura inquietante e de desassossego?

Após exemplificar obras hipertextuais para o público adulto, colocamos à disposição do professor obras literárias infantis que possuem algumas características hipertextuais, tais como Formigarra e Cigamiga de Glória Kirinus e O bichinho da maçã de Ziraldo. Ao disponibilizá-las para leitura, questionamos se essas obras poderiam fazer parte do acervo da Educação Infantil. Cerca de 70% do grupo respondeu negativamente, demonstrando que sua concepção de literatura ainda estava atrelada aos conceitos que construíram durante sua

formação como docentes, reforçando a necessidade de promovermos uma apropriação-fruição das obras que permitem o desenvolvimento da autoconsciência, que encaminha à reconstrução do conhecimento acumulado.

A literatura hipertextual é uma conseqüência de todo o processo de amadurecimento do termo literatura, que vem, ao longo dos séculos, se constituindo com seus elementos que o distinguem de outros textos. Com a estética da recepção, este tipo de escrita tomou fôlego porque ela previu um leitor mais participante, com a função de atribuir sentidos ao texto que se encontra aberto a questões interpretativas. A literatura hipertextual é uma leitura não linear e de muitos inícios e muitos re-começos. O prazer está no desmembrar cada partícula do romance, cada gota, cada nova redescoberta de uma mesma leitura. Ver e ver novamente.

Considerações Finais

Esta pesquisa trouxe algumas inquietações, entre elas que há de se pensar hoje como se constitui o estado de fruição do leitor nos meios escolares, e de que forma o docente leva aos seus educandos esta possibilidade. Seria de extrema importância que o docente tivesse em sua formação o contato com a leitura fruitiva, ampliando seu repertório. Não podemos pensar em uma literatura focada somente no aprender, a literatura ensina pela via da fruição; o aprender se dá através da experiência e na literatura não se dá de forma diferente.

O docente hoje, mesmo com pouco tempo para momentos de descontração, deve buscar na literatura fontes não só de informação, como acontece constantemente, mas também fontes de fruição. A literatura não deve ser lembrada apenas pela sua função educadora, mas também e principalmente pela função fruitiva, como arte, necessitando ser vista e apreciada com seu devido cuidado.

Vigotski, na obra Psicologia da Arte, demonstra que a relação entre literatura e conhecimento se dá de um modo muito especial: é através da literatura que temos acesso a novos modos de significação, a vivências diferentes, por exemplo, diferentes daquelas decorrentes da objetividade da experiência científica por que as experiências estéticas que a literatura possibilita são subjetivas, nos fazendo conhecer, entender os nossos sentimentos, as nossas percepções e as nossas emoções.

Segundo Vigotski seria legítimo “definir os processos de percepção como processos de repetição e recriação do ato criador”. Assim, a vivência estética do literário permite uma experiência muito diferente daquela que temos em contato com o discurso científico ou

especializado ou ainda, pelo uso da linguagem cotidiana. Vigotski lembra-nos que na linguagem cotidiana, o som das palavras são percebidos automaticamente e automaticamente relacionados a um determinado sentido e que, ao contrário, na experiência literária de contar e ouvir, por exemplo, a ênfase e a atenção dadas aos sons das palavras suscitam uma relação emocional com eles.

Naturalmente o docente que olhar a literatura como objeto estético terá adquirido um hábito de leitura e de prazer pela literatura, este hábito será passado aos seus alunos. Pode-se perceber que a partir desta concepção os professores apresentaram maior envolvimento com a literatura, este envolvimento ficou perceptível nos relatos apresentados ao final da formação, quando os professores apontaram as propostas que estavam realizando a partir desta concepção e do entendimento da mesma.

No segundo momento do curso de formação continuada, quando os professores foram convidados a expor as atividades inovadoras vinculadas à metodologia da literatura fruitiva, constatou-se que:

a)houve a compreensão dos pressupostos básicos da metodologia da literatura fruitiva;

b)ampliaram seu repertório;

c)adotaram para a seleção de livros os critérios que foram elencados durante a formação;

d)iniciaram um movimento nas escolas de aquisição de acervo bibliográfico de qualidade;

e)implementaram a roda da leitura como uma prática cotidiana;

f)lançaram-se como contadores de histórias, buscando aprimorar essa competência;

g)passaram a policiar-se para não empregar a literatura de forma pedagógica;

h)sensibilizaram-se para o tratamento da literatura como arte promovendo-a nos espaços educativos.

Gostaríamos de enfatizar que o materialismo dialético enfoca a arte como um produto do trabalho humano espiritual-material que pode levar o sujeito a uma consciência social. Por isso, lidar com a literatura fruitiva, com a concepção de literatura como fenômeno estético, oportuniza ao indivíduo a compreensão de seu universo e a apreensão de uma nova visão de mundo, ampliando sua consciência da realidade. A arte, nesta perspectiva, nunca é um movimento alienante porque ela sempre coloca o sujeito fruidor em cotejo com a realidade representada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da literatura.** Vol. 1. Livraria Almedina, Coimbra: 1991.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência -** o dilema da educação**.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ECO, U. **Ensaios sobre a literatura**. São Paulo: Ed. RCB, 2003.

CALVINO, Í. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BARTHES, R. **O prazer do texto.** São Paulo: Ed. Elos. 2001.

_____. **S/Z —** uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

KRISTEVA, J. **La révolution du langage poétique**. Paris: Seuil, 1974.

NEITZEL, A. A.; SANTOS, A. L. **Literatura e Informática.** Florianópolis: editora da UFSC, 2005.

PÁVITCH, M. **O dicionário Kazar**. Edição Feminina. Tradução Herbert Daniel. São Paulo: Marco Zero, 1989.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público** - a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VYGOTSKY, L S. **Psicologia da Arte.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

WANDELLI, R **Leituras do hipertexto:** viagem ao Dicionário Kazar. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2003.